

Economista prevê a década das pequenas empresas

O professor Stephen Kanitz, que leciona Administração e Contabilidade na Universidade de São Paulo (USP), tem se notabilizado por ir contra a maré. Em janeiro deste ano, quando numerosos economistas destimulavam as indústrias a investir, pregava que era o momento ideal para expandir as fábricas. Kanitz acha, por exemplo, que a atual taxa de câmbio não precisa de ajuste para cima, como reivindicam os exportadores. "Creio que ainda há espaço até para descer um pouquinho.

Em sua visão, os produtos brasileiros que iam para o mercado externo podem tomar um endereço mais próximo, por aqui mesmo, por causa do crescimento que se verificará na economia nacional nos próximos anos. Em seu livro "O Brasil que Dá Certo", ele já parecia esse crescimento. A obra ganhou uma versão em inglês: "The Emerging Economic Boom — 1995—2005", a ser lançada em 23 de janeiro, em Nova Iorque, nos Estados Unidos. A seguir Kanitz explica seu otimismo.

O Brasil vai mesmo dar certo?

Kanitz — As coisas que eu vinha prevendo, há um ano, estão começando a ficar mais óbvias. O Plano Real, ao contrário do que se imaginava, não foi um plano eleitoreiro. Depois das eleições a inflação continua baixa. Dezembro vais ser ain-

da menor do que novembro. E temos fevereiro pela frente, um mês com menos dias e, por isso, de inflação menor. Vamos para o oitavo mês após o término do plano com uma inflação mensal de 2%. No Plano Cruzado, oito meses depois do final, a inflação batia em 28%. Com esse mesmo prazo, no Plano Collor, a inflação chegava a 35%. Ou seja, o Plano Real já deu certo. Não há nenhuma chance de a inflação explodir e voltar, como ocorria nos planos anteriores.

— Que problemas poderão ocorrer com o Plano Real em 1995?

"O que eu vinha prevendo há um ano, começa a ficar óbvio. O real não foi um plano eleitoreiro. Depois da eleição, a inflação está baixa".

— Serão derivados do nosso crescimento. Até teremos inflação por causa desse crescimento. É o que os pediatras acham de dores de crescimento. Infelizmente, poucos empresários acreditavam quando eu dizia que era o momento de investir, em janeiro de 1994. Claro que, com uma inflação de 45% e o Lula com 42% nas pesquisas, era mais fácil dizer do que investir. Como não investiram vamos ter alguns problemas em 1995. Vários economistas não recomendavam o investimento, argumentando que o plano era eleitoreiro, que a inflação iria voltar, que as reformas constitucionais não vieram, e pregaram o pessimismo. Hoje, já se percebe uma falta de investimento para atender esse "boom" de consumo. Mas as empresas já estão começando a investir. As multinacionais acordaram e fazem planos muito otimistas para 95. Diria que, lá por agosto ou setembro, as duas curvas vão se encontrar, os investimentos com a demanda. Mesmo que haja uma pequena inflação em 95, será plenamente compreensível. Pedro Malan e Pêrsio Arida tomaram uma decisão extremamente acertada de não acabar com a indexação, como a Ufir, e optaram corretamente por alongar sua periodicidade, tornando-a trimestral.

— Em quais setores esses investimentos devem ser mais notados?

— Essa é uma concepção antiquada de enxergar o País, dividido em se-

"Acho que a década será da pequena e média empresa. A grande corporação, que precisa fazer alianças estratégicas, já não é a tônica da administração moderna".

tores industriais, como papel e celulose, química e petroquímica, informática, como se faz comumente. Daqui para a frente, o correto é ver o Brasil em termos de mercado. O primeiro que vai explodir é o mercado do interior e não o de exportação, cujos dias de glória terminaram. A taxa de câmbio continuará sendo como está. As empresas exportadoras perceberão que terão de redirecionar seus produtos para o mercado interno. Em segundo, vem o mercado de baixa renda, para o qual o empresário deve olhar mais detidamente, criando produtos mais populares, sem sofisticação nem qualidade exagerada, necessária pa-

ra vender para o Primeiro Mundo. Claro que é preciso qualidade, mas a embalagem, por exemplo, pode ser mais simples, porque o preço pesa bastante nesse mercado mais popular.

— As consultorias estão anunciando para o próximo ano uma onda enorme de fusões e aquisições no País para as empresas atenderem o crescimento do consumo e manter a competitividade. O senhor concorda?

— Acho que a década será da pequena e média empresa. A grande corporação, que precisa fazer alianças estratégicas, já não é a tônica da administração moderna. O Sebrae está fazendo um trabalho brilhante nessa área. Nos próximos 10 anos, para não dizer que tudo serão rosas, haverá uma brutal desnacionalização da economia brasileira. Nesse sentido, sim, acho que haverá venda de pequenas e médias empresas familiares, cujos filhos não estão mais interessados no negócio, que deverá ser comprado por multinacionais. Isso será observado, por exemplo, no setor de biscoitos. O Brasil se tornou, junto com a China e a Índia, a última fronteira onde se pode conquistar mercado.

— O senhor costuma dizer que, se não se fizerem grandes besteiras, o Brasil terá um ciclo de crescimento até 2005. Quais seriam essas besteiras?

— A indexação teria sido uma grande besteira, mas já não é um temor meu. Outra seria a centralização do Estado, de querer ser o propulsor do desenvolvimento por meio de uma reconquista, ao contrário de permitir o setor privado de entrar na energia elétrica, por exemplo.

— Os exportadores acham que sua competitividade fica comprometida com a atual taxa de câmbio. Qual sua opinião sobre isso?

— Tem muita gente falando que a taxa de câmbio caiu, que tem de voltar aos patamares anteriores. Mas não caiu. Antes é que tinha subido. De 1989 para cá, ela caiu, Mas não se deve esquecer de que foi elevada artificialmente no País em 81,82,83, porque a taxa de juros internacional em 81 era de 21%. Por isso Delfim Netto elevou a taxa de câmbio para poder pagar os empréstimos. O barril de petróleo custava US\$ 55. O juro, hoje, está, em 5,5% ao ano, o petróleo, a US\$ 17. A dívida externa foi corroída pela inflação americana. Dessa forma, não se pode ter mais a taxa de câmbio de 83. A situação é outra. A taxa tem que cair mesmo. Aliás, não caiu ainda o quanto tem que cair. As indústrias de exportação, que têm muita penetração no governo, conseguem mais espaço na mídia do que merecem. Elas são só 8% do PIB. Desses, 4% logo, logo vão voltar a vender internamente.